

JORNAL DE QUELUZ

FOLHA IMPARCIAL

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

GERENTE—JOSÉ DE SÁ.

Publica-se uma vez por semana.—Tem franca inserção os escriptos de interesse geral.—Assignatura para esta cidade 7\$000 por anno e para fóra 8\$000.—Annuncios e outras publicações o que se convencionar.—PAGAMENTO ADIANTADO.

ANNO III | Queluz de S. Paulo—Domingo, 22 de Agosto de 1880.

| NUMERO 43

JORNAL DE QUELUZ

22 DE AGOSTO DE 1880.

E' com o mais profundo pezar que hoje tomamos da penna para cumprir o sagrado dever de communicar aos nossos municipes a perda irreparavel que hemos soffridos e o partido liberal desta cidade, na pessoa do major José Alves Pinto.

A amizade que sempre nos tributou o finado, nos ordena a cumprir este dever de jornalista, por que si a imprensa local deixasse de externar os doridos sentimentos que a enlutam e de render preitos á memoria do illustre finado, commetteria por certo uma falta capital para com aquelles que tiverão a dita de conhecê-lo.

Após alguns mezes de lancinantes soffrimentos, o illustre finado entregou a alma ao Creador na manhã do dia 15 do corrente. Fallaram todos os recursos da sciencia de medicos proficuentes, tanto desta cidade, como da capital da Provincia, onde por algum tempo permaneceu, esperando linitivo para seus soffrimentos, porém a Providencia, em seus arcanos insondaveis, baixava sobre elle o terrivel decreto

Respeitemol-o ! . . .

Bom espezo, pai extremo, adornado de civicas virtudes, amigo leal, de caracter lhano e nobre, severo para si, era o major Jose Alves Pinto geralmente estimado por que o seu coração era um iris de bondade.

Denodado chefe do partido a que pertencia, jámais tranzigio suas crenças politicas e nos diversos cargos publicos que exerceo, sempre prestou relevantes serviços.

Um tumulo hoje separa o bom amigo das pessoas que lhe eram caras, e no partido liberal desta ci-

dade se abre um vacuo bem difficil de ser preenchido, maxime na quadra anarchica que atravessamos.

Acompanhando cordialmente a sua familia, parentes e amigos, em sua justa dôr, o *Jornal de Queluz* exalça suas supplicas ao solio do Omnipotente para que em eterno descanso seja agraciado com a palma do martyrio.

J. de Sá.

CORRESPONDENCIA

CARTAS SILVEIRENSES

ESTUDOS HUMORISTICOS

CARTA SEXTA.

—CONTINUAÇÃO.—LETRAS, SCIENCIAS, E ARTES.—PRIMEIROS E PRINCIPAES TALENTOS DE SILVEIRAS.

Difficil cousa é escrever para o publico, quando, baldos de documentos e informações, temos em vista só dizer a verdade *nua e crua*, tal qual deve ser dita. E essa difficuldade sóbe de ponto, quando na solidão em que,—como escriptores,—devemos viver, fóra do *vulgo profanus*, não encontramos escriptos que possamos compuisar, ou tradições insuspeitas á que possamos dar credito. Tais difficuldades occorrem-me, tendo de occupar-me com a vida e escriptos de um homem na realidade eminente, por quem sempre tive muitas sympathias. Este homem é Vicente Felix de Castro, fallecido a 3 annos mais ou menos.

Não tendo em meu poder apontamentos biographicos que me habilitem a tratar d'esses tantos nada de familias, nascimentos, filiações, edades, de que geralmente se occupão a maior parte dos biographos; só tratarei de poucos factos da vida de Vicente Felix, considerando o tão somente como escriptor. E isso mesmo parece-me bastante,

porque a vida d'esse bom silveirense passou toda, na minha opinião, para seus livros: Buffen teve razão em dizer que o estylo é o homem.

Já disse o que é Silveiras sob o ponto de vista litterario, já vi nos o modo porque os silveirenses têm recebido os seus patricios, que, n'uma epocha de interesses materiaes, mesquinhos, e egoisticos, manifestão um tal ou qual amor ás letras; vejamos, pois, agora o que têm feito os seus homens de letras e os seus artistas. Não pequena é a serie de talentos de que nos vamos occupar; comecemos, pois, pelo principio, pelo primeiro, por Vicente Felix de Castro.

Ha cinco annos, estando eu na cidade de Arêas, um distincto cavalheiro, amante das letras, quiz mostrar-me sua pequena bibliotheca de obras romanticas. Aceeti a tão generoso convite, e entre muitos romances nacionaes e estrangeiros, um que tinha o titulo,—Os Homens de Sangue, ou os Soffrimentos da Escravidão,—chamou-me a attenção por dous motivos: 1º. por ser elle uma obra naciona, escripta por um nosso patricio; 2º. por occupar-se da escravidão, que um *Christianismo mal comprehendido* introduzio na America, como se exprime Garner—Pargés, *ulcera hedionda na face da nação que a tolera e protege*, como diz Bernardo Guimarães. Tomei, portanto o 1º. volume; e, como tenho por costume avaliar o merito de certas obras litterarias pela introdução ou prologo, comprehendí logo que o auctor d'aquelle romance não era um escriptor vulgar.

Mas, tinha eu razão em pensar d'essa forma?

Os homens comp tentes que respondão, á vista d'estas palavras do preambulo d'essa tristissima historia, que depõe muito contra a nossa civilização. E as:



« Escrevi este romance para o
« povo.

« Patentear aos olhos do paiz os
« soffrimentos dolorosos e pa-
« gientes da escravidão prefigurar
« o crime que se commette em
« algumas de nossas propriedades
« ruraes com abuso e desrespei-
« to á lei, tal foi o meu propo-
« sito.

« Julgo pois fazer um pequeno
« serviço em deixar correr pelo
« imperio de Santa Cruz este
« meu pobre e toseco livro, des-
« pido de todas as galas da litte-
« ratura.

« Minh'alma será reconhecida a
« todo brasileiro que o acollher
« com indulgencia como um dos
« mais humildes defensores dessa
« doce e querida liberdade, filha
« abençoada do céu, que ha de
« um dia pairar nas plagas deste
« paiz gigante e que tornar-se
« ha uma das grandes e admi-
« radas nações do mundo. »

Depois da leitura d'essa formal
explicação que estava escripta no
livro que acabava de abrir, deter-
minei lê-lo; o que fiz em dois
dias, com verdadeiro interesse.

Porém, o que mais admirou-me,
foi saber que o homem que isso
havia escripto era redactor de um
periodico, e residia á 4 leguas da
localidade onde eu estava.

Deliberei, pois, ir vê-lo, á pri-
meira oportunidade que se me of-
fercesse, porque sempre fui enthu-
siasta dos homens que assim fallão
e escrevem. E tinha razão; pois
nunca me houvera de esquecer a
soirée litteraria que passamos jun-
tos, nunca poderia esquecer-me d'
aquella physionomia que sempre
me fez lembrar Deceinze, comen-
nista da minha predileção.

Um dia, portanto, tive o prazer
de ser apresentado á esse homem
sympathico, mesmo em sua mo-
desta habitação de Silveiras. Succe-
deu isto em 1870.

Com grande satisfação narro aqui
os successos desse nosso agradável
colloquio porque, francamente o
digo, proporcionou-me elle um dos
dias mais felizes da minha vida.

Elão Zarbil

(Continúa.)

NOTICIARIO

Vice-Presidente. — Por decreto
imperial foi nomeado 6.º vice presi-
dente desta provincia o con-
terraneo dr. Luiz Pires de Souza.

Elalocimento. — No dia 15 do
corrente rendeu a alma ao creador o
importante fazendeiro deste municí-
pio major José Alves Piato.

São sempre mal no seio da socie-
dade o echo de uma lousa que se fe-
cha sobre mais um cidadão; porem
echoa dolorosamente dentro dos co-
rações, quando aquelle que penetra
os umbraes da eternidade foi um
cidadão, que nascendo em berço hu-
milde, chegou a tomar um dos pri-
meiros lugares entre os mais distinc-
tos; porem enche a alma da mais pe-
zada magoa, quando aquelle que se
fina, sendo já uma valente realidade
era uma poderosa esperança para a
sociedade e para os seus; sim, para
os seus, porque elle deixa uma moça
na viuvez e seis crianças na orphan-
dade, que muito tinham a esperar do
mundo, se os guiasse aquelle extre-
mo e robusto braço.

Affecta a tantos a perda de tão
prestante cidadão que o *Jornal de*
Queluz não sabe a quem enviar po-
zames, porem os manda mais direc-
tamente á familia do finado, que
perdeu o exemplo dos esposos e dos
pais e ao partido liberal que perdeu
um dos mais queridos chefes.

Casamento. — Em a fregu zia
de Pinheiros, deste município, no
dia 14 do corrente teve lugar o do
snr. ten. Antonio d'Avila Rebouças
com a exma. snra. d. Anna Joa-
quina de Carvalho, filha do falle-
cido Moysés de Souza Carvalho.

Testemunharão o acto os snrs.
ten. co onel José Dias Novaes e Jo-
sé Pedreiro.

Desejamos aos noivos um porvir
risonho e cheio de delicias.

Serviço militar. — A junta pa-
rochial desta cidade concluiu seus
trabalhos no dia 11 do corrente,
conforme o edital que publicamos
em outra secção de nossa folha.

Jury. — Pelo snr. dr. juiz de di-
recto da comarca foi designado o dia
20 de Setembro proximo futuro para
ter lugar a 2.ª sessão do jury nesta
cidade.

Por não nos ter sido ainda re-
mettido o respectivo edital de con-
vocação, deixamos de publical-o.

Periodico. — Recebemos a *Fami-
lia Magonica*, jornal de formato re-
gular que se publica na corte.

Sauvando ao collega, defensor
d'uma das causas mais justas e sau-
te, longa vida desejamos-lhe e faze-
mos votos para que em sua carreira
trahça sempre a senda do jornalismo
independente.

Imprensa. — Recebemos o *Diá-
rio Popular*, da cidade de Campos,

a *Gazeta de Vassouras*, da cidade de
Vassouras e o *Combate*, jornal de
pequeno formato, da cidade de Pi-
rassunganga.

As illustres redacções agradece-
mos a remessa que contribuiremos.

VARIEDADES

A' NINA

2.ª CARTA

Não julguis que eu vos tenha es-
quecido. Esquece-se algum dia o
que se amou uma vez? Não, as mais
vivas impressões que por alguns ins-
tantes se possa ter, não apagam por
essa razão as outras.

J. J. ROUSSEAU.

Não sei, ó minha bem amada,
o que deva fazer para subtrahir-
me ao sacrificio que a paixão nos
impoz. Vivemos em uns tempos
bem tristes, labutamos no meio de
uma sociedade cancerósa, para quem
os sentimentos mais puros nada são;
por isso, ainda uma vez te peço,
poupai o sacrificio das minhas la-
grimas e do meu desespero.

A ultima carta, em que ten co-
ração bondoso transparêce, e em
que tua alma de anjo resumbra
candida e innocente, veio causar-
me essa tristeza sombria, profunda,
inconc bível mesmo, que pôde lançar
o germen da duvida e da descren-
ça n'um coração ainda joven. Ah!
tu a quem mais amei n'este mun-
do, tu em quem encontrei tantos
encantos, tu, a unica mulher que
poderia fazer a minha felicidade,
não sabes talvez o que fizeste! Ei-
te benedigo, porém, porque n'isso
mesmo demonstras quanto és boa,
innocente, adoravel, e quanto meu
amor é digno e razoavel.

E que razão, que motivo tinhas
para defender uma classe de ho-
mens a quem teu infeliz amante
devia votar desprezo, si não tive-
ras de obedecer aos impulsos do teu
coração?

E que motivos tinhas para mos-
trar-te tão indifferente a essas con-
troversias, si não foram os verda-
deiros sentimentos de uma alma in-
nocente?

Por tudo isso, por ver que não
és uma mulher vulgar, mas um
anjo de candura e bondade, eu te
benedigo, ó encantadora Nina!

Mas... entristeça-me, vendo que
és tão indifferente ás disputas
que o espirito de teu amante deva
tomar larga parte; e depois porque
recusas occupar-te de uma questão
importante, que tem por objecto